

O COMMERCIO DE SÃO PAULO

Director-DR. COUTO DE MAGALHÃES

ANNO IX

S. PAULO—Quarta-feira, 23 de janeiro de 1901

RUA DE S. BENTO, 35—B
Telephone, 629

NUMERO 2462

LONDRES, 22

Falleceu, ás 4 horas da tarde, a Rainha Victoria.

Sua Magestade Victoria Alexandrina, Rainha do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda e de suas colonias e dependências na Europa, Asia, Africa, America e Oceania, Imperatriz das Indias, Protectora da Fé, acaba de dar a alma ao Creador.

Nascida no palacio de Kensington em Londres, a 24 de maio de 1819, filha do príncipe Eduardo, duque de Kent, e da princesa Victoria de Leiningen, succedeu, em 20 de junho de 1837, a seu tio o rei Guilherme IV, sendo coroada a 28 de junho de 1838. Em 10 de fevereiro de 1840, casou com o príncipe Alberto de Saxe-Coburgo Gotha, de cujo consorcio teve os seguintes filhos:

1.º A princesa Victoria Adelaide, que casou com o príncipe Frederico Guilherme da Prussia, do 2.º O príncipe Alberto Eduardo, príncipe de Galles, nascido no palacio de Buckingham, em Londres, a 9 de novembro de 1841, casado, em 10 de março de 1863, com Alexandra, princesa da Dinamarca;

3.º O príncipe Alfredo, duque de Edimburgo;

4.º A princesa Helena, casada com o príncipe Christiano de Slesvig-Holstein;

5.º A princesa Luiza Carolina, casada com John Campbell, marquês de Lorne;

6.º O príncipe Arthur, duque de Connaught;

7.º O príncipe Leopoldo, duque de Albany (fallecido);

8.º A princesa Beatriz, viúva do príncipe Henrique de Battenberg.

O príncipe de Galles tem tres filhos:

1.º O príncipe George Frederico, duque de York, casado com a princesa de Teck, Victoria Maria;

2.º A princesa Luiza Victoria;

3.º A princesa Victoria Alexandra;

4.º A princesa Maud Carlota Victoria.

A ascensão da Rainha Victoria ao throno da Inglaterra trouxe uma importante modificação no mecanismo politico, pela introdução da theoria da «balança dos partidos». A historia da Inglaterra assigna neste periodo a evolução democratica na politica interna, a modificação da politica colonial pelo systema do self government, a intervenção na politica externa, principalmente no Oriente, para a concessão da liberdade religiosa e de outras garantias. Este caracter na politica externa se accentuou, em relação ao nozo paiz, pelos tratados relativos á repressão do trafico de africanos, incontestavelmente o primeiro golpe na instituição da escravidão, quer em suas colonias, quer nos outros paizes da America.

Durante o seu reinado, resolveram-se importantes problemas sociais e politicos, taes como a abolição das leis sobre os cereaes e a proclamação da liberdade commercial etc., e as armas inglesas entraram em constante movimento: as guerras contra os Afegãos e o Pendjab, a guerra da Crimeia, a repressão da insurreição da India, as expedições contra a China, contra a Abyssinia, contra os Achantis, contra o Afghanistan, a occupação do Egypto, as campanhas do Sudão, a annexação da Alta Birmanha, a grande expansão colonial na Africa e, por fim, a guerra contra os boers.

Quatro attentados contra a sua pessoa não levaram a politica inglesa a medidas rigorosas; ao contrario, foram julgados como actos de loucura, inclusivo o ultimo, que teve lugar em Windsor, em 1882. O jubileu de sua coroação realisou-se em 21 de junho de 1887, no meio de aclamações do povo e com um concurso de quasi todos os reis e principes da Europa.

A historia do reinado da Rainha Victoria será, por assim dizer, a historia do século XIX: a Inglaterra, pelo valor intellectual de seus estadistas, pesou em todas as questões mais do que as armas de todos os exércitos.

Desde 1837, que a filha do príncipe Eduardo reinava como rainha modelo, com uma falte, sem um erro, com uma hora de fraqueza, não tendo variado mais que uma balança segura pela mão de um velho.

Tinha dezoito annos quando succedeu a Guilherme IV: a beleza triumphava no oval do seu rosto, em grandes olhos brilhantes



RAINHA VICTORIA

Victoria R. I.

como uma manha do Oriente. O nariz era de uma forma grega impecavel. As faces emolduradas numa cabellera espessa pareciam duas folhas de rosa real numa taça de ouro.

As rosas fanearam-se e a magestade substituiu a belleza. A voz, outrora mais leve e mais pura que a onda do ar em que vibrava, essa voz perdeu o seu crystal. O ser immaterial accentuou-se sob a experiencia da vida e as canceiras do governo. A aurora de 1837 é hoje um crepusculo sumptuoso.

Decana das rainhas e das imperatrizes, se não tivesse muitas coroas, seria ainda a maior mulher das Ilhas-Britannicas.

Robusta como um carvalho, apesar dos seus 81 annos, a Rainha tinha esse rosto severo que as grandes funcões e as grandes dores cinzelam. Desde a morte do príncipe consorte, essa viúva era viúva como era rainha—magnificamente. Tinha a tranquillidade de um ser indifferente a tudo, excepto ao dever. O seu lucto tinha uma alta expressão, que respirava nas suas feições calmas. A desgraça, nolla, era verdadeiramente real.

A força corria da sua fronte que ficava sempre bella e o busto envelhecido era digno de se apoiar numa bruma branca; e bella era a que não quiz ser consolada e cuja vida privada gyrava em volta de um culto, como um fio em volta de um fuso.

Depois da morte do príncipe Alberto, essa mulher caminhava na existência como Carlos Magno fazia quando amava uma rapariga morta. O grande imperador nunca deixava o anel da desaparecida. Turpin tirou-lhe e lançou-o num lago. E Carlos Magno amou o lago. E o lago ficou sendo o lago de Constância. A rainha de Inglaterra amou um tumulo com a fidelidade da esperança. Nas audiências que concedia, apresentava esse sorriso que se tem quando se julga os outros com a benevolencia da virtude absoluta e a indifferença de tudo.

Dizia-se muitas vezes della o que dizia um prelado romano, sabendo um dia de tina audiência da imperatriz Augusta.

A mulher de Guilherme tinha seduzido e encantado o Romano pelo tom elevado e plauso da sua conversação. Descendo a escada, Galignani (era o prelado) repetia sem cessar ao seu secretario: —Mas ella é catholica! não ella é magnificamente catholica!

Muitas pessoas jogaram também que a rainha de Inglaterra tinha adoptado a religião de Roma. A um certo nível, em certas camadas de ar puro e celeste, as religiões approximam-se, tocam-se, misturam-se e confundem-se, para deixarem de ser vias humanas e para se tornarem a larga e comprida avenida de luz que conduz ao throno de Deus. Assim a rainha Victoria pôde proteger e favorecer o admiravel mundo clerical da Inglaterra catholica, o primeiro do mundo. Amou o cardeal Wiseman; escutou as vozes vindas de Roma. Correspondeu-se que alta correspondência deve ser!—com Pio IX e Leão XIII. Mas inclinou sobre tudo a sua admiração para esse poderoso espirito, para esse poeta de almas que se chamou o cardeal Manning.

Aquelle sahia da sociedade puritana e, com uma coragem fora do vulgar, tinha abandonado uma carreira para procurar a verdade. Tinha triumphado gravemente, dignamente, depois da sua conversão, e a mais alta sociedade anglicana do Reino Unido tinha-se habituado a seguir os sermões do padre catholico, como tinha escutado os discursos do pastor protestante.

Gracia ao apoio de Sua Magestade, Manning tinha restituído ao culto catholico as liberdades perdidas. Tinha restaurado a hierarchia perdida, e foi por varias vezes o embaixador discreto da Rainha junto de Pio IX, o Grande.

Assim que recebemos a infamsta noticia, transmitida pelo nosso activo correspondente telegraphico, affixamos á porta, sendo lida por innumeras pessoas, que se incumbiram de divulgar a noticia, depois de um relampago.

Pouco depois vimos o estateta da Repartição dos Telegraphos chegar ao edificio onde funcionava o Consulado Inglez; como estivesse fechado, passou por baixo da porta um envoltorio, contendo naturalmente a communicação official do fallecimento da Rainha Victoria. Ao nosso escriptorio vieram muitos cidadãos Inglezes informados mais minuciosamente da trágica noticia.

Pela infamsta occorrença, que cobre de lucto o mundo inteiro, apresentamos nossos sentimentos a Mr. Percy Lupton, digno conselheiro Inglez em S. Paulo, e á honrada colonia Ingleza aqui domiciliada.

Em signal de pesar pelo doloroso acontecimento, grande numero de edificios commerciaes cerraram as portas e hastearam bandeiras em funeral.

Consta-nos que a honrada colonia Ingleza tentou promover á memoria de sua ex-cella e pranteada Soberana grandiosas exequias, para as quaes serão convidadas as autoridades civis e militares desta capital, as associações e a imprensa.

As mulheres, neste acabar de século, clamam contra as injustiças feitas ao seu sexo. Têm ellas, porém, neste meio do junho de 1897, uma esplendida compensação.

A figura que hoje domina o mundo é e será a de uma mulher e, o que é mais, é a de uma mulher velha. Os seus cabellos brancos, o seu vulto esposto de matrilheira, as suas rugas, estão em aboboadas de retratos nas paredes das milhões de lares ricos ou pobres onde é falada a lingua Ingleza, a mais falada de todas as linguas.

O nome dera mulher foi um nome predestinado. A historia do povo que ella rege resume-se na palavra que é o seu nome: Victoria.

Luctou a Hespanha contra a Inglaterra no século XVI e foi vencida. Resistiram-lhe os holandeses e foram humilhados. Levantou-se contra ella a França e a lucta terminou em Trafalgar e em Waterloo.

Numa madrugada de verão, ha sessenta annos, o lord Chamberlain e o arcebispo de Canterbury foram despertar uma loura rapariga, de doze annos, para annunciar-lhe que o velho rei Guilherme IV jazia morto na cama onde expira o que ella, Victoria, era já rainha de Inglaterra.

Tinham-se passado vinte e dois annos desde o casamento de Longwood, torcido dos ventos do sul, pendia sobre o tumulo do vencedor, o vencedor, o Duque de Forro, era vivo ainda e chefe do partido aristocratico da Inglaterra.

Não tinha mais a Inglaterra que enfrentar com a rivalidade de nação alguma. A Victoria saudada naquella manhã não era somente o symbolo de triumphos Inglezes no passado, estava-lhe reservado o destino de produzir a outras luctas e a outras conquistas.

Neste século não teve a Inglaterra mais inimigo entre as nações. A sua lucta foi, não contra os povos, mas contra o mundo physico. Cumpria-lhe domar as caldas do mar e ganhar as terras novas que, no globo todo, tentavam a sua ambicção. O seu destino foi o de vencer o Espaço terrestre. O oceano foi logo seu. Sobre elle soltou as legiões dos seus navios, que a sciencia tornara rapidos, grandes e fortes. E tã da a terra foi envolta nos fios da rede dos telegraphos Inglezes. E com isso e com a sua energia, fundou a Inglaterra novas nações. Firmou o Imperio Indio-Atlantico ao Pacifico estendeu o don Inio Inmenso do Canada; na Australia fundou

grupos de prosperos paizes e o Cabo da Boa Esperança, que não passou de Esperança no passado, foi para ella uma deslumbrante realidade de riqueza e de poder, base do colossal Imperio que hoje vemos, que está sendo erguido pelos Inglezes e para os Inglezes, desde aquelles confins austraes até as Pyramides do Egypto, cercadas das areas onde domina o poder Britannico.

E tudo isso foi feito sob a invocação de Victoria! Os heróis militares da Inglaterra fazem-se matar, sob todos os climas do mundo, em lucta contra todos os barbaros, para terem ao peito a Cruz de Victoria! Os seus exploradores baptisam com esse nome, cuja fortuna nunca empalideceu, os montes nunca transparentes, os rios ignotos; em novas nações criadas, erguem-se cidades sob essa invocação, em terras dantes nunca vistas, e hoje ricas e felizes. Esse nome apparece dado pelos sabios, na nomenclatura das flores e das plantas; vem o nome de Victoria Ingleza, em fontes, em rios mythologicos do Nilo, apparece no catalogo das estrelas e a agua sombria das lagunas do Amazonas baloia o calice branco e a folha espalhada e colossal da Victoria Regia!

A velha rainha preside ao maior Imperio que jamais houve no mundo. Os Cesares Romanos tiveram dominios menos vastos. Semiramis não reinou sobre tantos seres humanos quantos são os súbditos de Victoria. Isabel, a Catholica, não teve tão grande Imperio. Carlos V não teve, como ella, quatrocentos milhões de súbditos. Isabel de Inglaterra, nos seus maiores triumphos, não viu senão lançados os alicerces da grandeza Ingleza. Luiz XIV deu o seu nome a um século, mas viu para ver a destruição da sua obra e a final humilhação da sua politica. O próprio Augusto, na velhice, chorou as suas legiões perdidas na Teutonia.

Uma das feições mais notaveis deste jubileu é que os sentimentos de lealdade e de dedicação pela soberana não se limitam á Inglaterra.

Quando Victoria subiu ao throno, as vastas e longinquas colonias eram consideradas como umas dependências provisórias que os pensadores, os administradores e os homens de Estado, de todos os partidos, consideravam bem proximas da separação inevitavel. No reinado de Victoria, nasceu a idea grandiosa da existência de um Imperio Britannico indivisivel. Esse Imperio cresceu pela expansão territorial, pela occupação efectiva de um continente inteiro como a Australia, pela concepção admiravel do Imperio Africano, pela unificação da metade da America do Norte no dominio do Canada.

A expansão do territorio, quando a conquista não é seguida do povoamento e da expansão, ainda mais efficaz, do commercio, ensina a Historia, é coisa ephemera, destinada a perecer com o grande homem que a realison, com a geração que a executa, ou com a dynastia que a conseguiu.

Não succedem nem succederão com o Imperio colonial, Imperio federado, composto de nações todas livres, ligadas á coroa de Inglaterra, demonstração irrefutavel de que a monarchia britannica é a melhor chave ideal daquella colossal e complicado edificio de federações. A prosperidade autonómica de cada parte desse Imperio é tambem a prosperidade de centros populo da velha Inglaterra, cujo excedente de população é transvasado para aquellas terras novas onde é a sombra o crescimento da população, graças á incomparavel fecundidade da raça. A raça Ingleza apoderou-se dos melhores quilibrios do mundo, para a cultura da terra e para o commercio. Em todas as espinhas do globo abriam-se Inglezes as suas lojas e em todas as pontas estrategicas levantaram a sua bandeira e acastellaram os seus canhões. Graças a isso, produzem, trocam, vendem, transportam e consomem, em paz e em segurança, as lãs e as pelles, os carnes e o ouro da Australia, os cereaes, os productos agricolas, as madeiras e os metes do Canada, e o ouro e os brilhantes da Africa do Sul.

Toda esta espantosa prosperidade, segundo a flosa plen que as latin e fazem das coisas, devia excluir o genio da Poesia e o genio da Arte.

Pensaria muita gente que esta suprema material devia apenas ser effeito e ao mesmo tempo causa de um grande desenvolvimento scientifico. Na terra onde foi inventada a primeira locomotiva so se a mettia a sciencia, porque a sciencia é pratica; mas não se a mettia a Poesia e a Arte, porque não são praticas.

Não foi, porém, assim: o reinado que viu Faraday, Darwin, Wallace, Bates, Hooker, Tyndall, Huxley, Lyell, Adams, Owen; exploradores como Barto, Speke, Livingstone, Stanley e tantos outros que arrancaram segredos do

Allesmanha está cheia de rebentos da sua raça e todos estes potentados olham para a soberana Ingleza como para a sua avó veneravel...

Não foram os feitos de Victoria que deram á Inglaterra nem o seu poder nem as suas riquezas. A sua influencia foi, porém, extensa e benefica. O throno de Inglaterra não tinha até então brilhado pelas virtudes dos seus reis. Os reis devassos e gosadores que viveram materialmente, em todos os desmandos, desde Carlos II até Guilherme IV, tiveram em Victoria um successo que rehabilitou a realeza. A situação da Inglaterra a sua paz, a sua prosperidade, o seu povo, que é o mais sentimental da terra, apesar dos seus instinctos praticos.

A viuvez inconsolavel da rainha, o seu longo luto de viúva e seis annos, o seu retiro inviolavel, a sua dor invencivel, enterneceram todas as esposas e todas as familias Inglezas. O respeito votado á soberana irreprehensivel transformou-se, universalmente, numa compaixão e indizível ternura. E esta ternura popularisou mais largamente e mais affectivamente a rainha do que o poderiam ter feito os deslumbramentos das festas e das solemnidades hoje quasi que inteiramente abolidas na Corte.

Uma das feições mais notaveis deste jubileu é que os sentimentos de lealdade e de dedicação pela soberana não se limitam á Inglaterra.

Quando Victoria subiu ao throno, as vastas e longinquas colonias eram consideradas como umas dependências provisórias que os pensadores, os administradores e os homens de Estado, de todos os partidos, consideravam bem proximas da separação inevitavel. No reinado de Victoria, nasceu a idea grandiosa da existência de um Imperio Britannico indivisivel. Esse Imperio cresceu pela expansão territorial, pela occupação efectiva de um continente inteiro como a Australia, pela concepção admiravel do Imperio Africano, pela unificação da metade da America do Norte no dominio do Canada.

A expansão do territorio, quando a conquista não é seguida do povoamento e da expansão, ainda mais efficaz, do commercio, ensina a Historia, é coisa ephemera, destinada a perecer com o grande homem que a realison, com a geração que a executa, ou com a dynastia que a conseguiu.

Não succedem nem succederão com o Imperio colonial, Imperio federado, composto de nações todas livres, ligadas á coroa de Inglaterra, demonstração irrefutavel de que a monarchia britannica é a melhor chave ideal daquella colossal e complicado edificio de federações. A prosperidade autonómica de cada parte desse Imperio é tambem a prosperidade de centros populo da velha Inglaterra, cujo excedente de população é transvasado para aquellas terras novas onde é a sombra o crescimento da população, graças á incomparavel fecundidade da raça. A raça Ingleza apoderou-se dos melhores quilibrios do mundo, para a cultura da terra e para o commercio. Em todas as espinhas do globo abriam-se Inglezes as suas lojas e em todas as pontas estrategicas levantaram a sua bandeira e acastellaram os seus canhões. Graças a isso, produzem, trocam, vendem, transportam e consomem, em paz e em segurança, as lãs e as pelles, os carnes e o ouro da Australia, os cereaes, os productos agricolas, as madeiras e os metes do Canada, e o ouro e os brilhantes da Africa do Sul.

Toda esta espantosa prosperidade, segundo a flosa plen que as latin e fazem das coisas, devia excluir o genio da Poesia e o genio da Arte.

Pensaria muita gente que esta suprema material devia apenas ser effeito e ao mesmo tempo causa de um grande desenvolvimento scientifico. Na terra onde foi inventada a primeira locomotiva so se a mettia a sciencia, porque a sciencia é pratica; mas não se a mettia a Poesia e a Arte, porque não são praticas.

Não foi, porém, assim: o reinado que viu Faraday, Darwin, Wallace, Bates, Hooker, Tyndall, Huxley, Lyell, Adams, Owen; exploradores como Barto, Speke, Livingstone, Stanley e tantos outros que arrancaram segredos do

mundo physico, foi o reinado da poesia.

Desde Southey e Wordsworth, a poesia foi continuada pelos Browning, Tennysons, Mathew Arnold, Coventry Patmore, Elisabeth Barrett Browning, Rossetti, William Morris e Swinburne. E no romance? Dickens, Thackeray, Bulwer Lytton, George Eliot, fronte, Trollope, Mrs. Gaskell, George Meredith, Thomas Hardy, Stevenson, Rudyard Kipling, Maur... E na Historia? Macaulay, Grote, Fieaman, Froude, Maine, Lecky, Gardiner, Carlyle... E na Philosophia? Stuart Mill, Bain,...

o os incomparaveis artistas que regeneraram a arte ornamental de nossos dias, fundindo tudo, o classico, o moderno, o estetico, o archaico, o japonês e o byzantino e conseguiram formar a ornamentação Ingleza, que hoje é a dominante na arte industrial levantada da vulgaridade franceza no tempo de Luiz Philippe e de Napoleão III.

E todo o desenvolvimento Inglez neste século prevaleceu na politica, onde foi sempre de conciliação e justiça o papel da Rainha, porque ella sempre soube não estorvar a acção dos seus grandes estadistas, desde lord Melbourne, sir Robert Peel, lord John Russell, lord Derby, lord Aberdeen, lord Palmerston, Disraeli, Gladstone e lord Salisbury, secundados pelos admiraveis oradores que, neste século, tanto honraram a Inglaterra.

Outra coisa cheia de grandes ensinosa é que, acima de tudo isto, dominando tudo, influindo em tudo, acima de todos os interesses e de todas as politicas, sempre esteve na mente e no coração de todos os Inglezes o problema religioso.

Os theologos Inglezes sempre interessaram o publico. Os seus historiadores religiosos sempre tiveram leitores, quer sahiam do protestantismo, quer da religião catholica, tão engrandecida, tão fortalecida e tão gloriosa neste reinado incomparavel. Os seus poetas e escriptores religiosos e o maior deller, o grande cardinal Newman, foram sempre figuras proeminentes na patria Ingleza. E o mais extraordinario dos estadistas Inglezes é o theologo Gladstone!

Esta é talvez a explicação de tudo, e a causa de todas as grandezas da Inglaterra está em que o povo Inglez, antes de tudo, é temente a Deus.

E com um canticto solemne e religioso, de que a primeira palavra é o nome de Deus, que esse povo hoje saudá Victoria Rainha e Imperatriz.

A grandeza dos reis da terra, que passamos o Inglez antepe a grandeza do Eterno Rei, que não morre, e recompensa com a prosperidade a Virtude dos povos que o temem.

Eduardo Prado

25—Junho—97.

Príncipe de Galles

O herdeiro da coroa real da Inglaterra é o príncipe de Galles, filho mais velho da rainha Victoria.

Sessenta annos de idade conta o príncipe Alberto Eduardo, pois nasceu ás 9 de novembro de 1841.

Com 19 annos, foi nomeado coronel e cavalleiro da Jarreteira e em 1859 principiou a longa série das suas viagens pela Europa.

Em 1860, escapou de ser assassinado em New-York por um marinheiro luso: esteve, depois, no Egypto e na Grecia; regressando, foi em Fontainebleau recebido por Napoleão III.

A 10 de março de 1863, casou, em Windsor, com a princesa Alexandra, filha do rei Christiano da Dinamarca.

Victoria a Exposição de Paris de 1867 e, no mesmo seguime, uma queda do cavallo em Compiègne, durante a qual, causou-lhe graves contusões.

Uma febre typhoide quasi o victimou em 1871; pelo seu restabelecimento fizeram-se preces em Londres.

Por votação das Camaras, foi-lhe concedido um credito para uma viagem á India, para onde embarcou em Douvres, a 11 de outubro de 1875.

Esta viagem deu causa a grandes manifestações e recepções de

ATENCION MARIANOS

Barbados

Este paquete proporciona aos passageiros tal o conforto necessário e tem a bordo mudo e criado; visões mais rápidas que via ligeira sem os inconvenientes das baldeas.

Viagem da passagem em 3ª classe, de Rio de Janeiro para Nova York, \$45⁰⁰ (dólares, moeda americana).

Para passagem e mais informações, contactar ao Rio, com os agentes

NORTON MEGAW & C. Ld.
Rua 1ª do Mercado, 64, e em Santos, com
F. B. Mansfield & C. Ld., Rua 15 de Novembro, 82